

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

Ana Carolina Santos do Amaral Lima

**TESTE PROJETIVO DE RORSCHACH NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO - Uma análise inicial**

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

Ana Carolina Santos do Amaral Lima

**TESTE PROJETIVO DE RORSCHACH NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO - Uma análise inicial**

**Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof.Dr. Denigés
M. Regis Neto**

São Paulo
2018

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento da presente pesquisa foi um processo que durou cerca de um ano e meio, desde a elaboração do projeto inicial até a conclusão do trabalho. Durante este período, pude contar com a presença de várias pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização da pesquisa e para a minha permanência durante todo o curso.

Em primeiro lugar, à mulher que representa meu maior apoio dentro e fora do mundo acadêmico, meu modelo de o que é ser uma mulher negra e ter a coragem para insistir naquilo que acredito. Agradeço a ela por ter acreditado que eu poderia e posso ir longe, alcançar o que ela sonhou pra mim, o que eu sonhei para mim, e o que sonhamos para nós. Marisa Santos, a melhor mãe, apoiadora, porto seguro e amor que eu poderia escolher.

Em segundo lugar, à pessoa que mais investiu em mim, apesar de saber que eu nem sempre sou uma pessoa fácil. Que desde o primeiro momento acreditou no meu projeto e topou seguir comigo durante um ano inteiro, por um caminho que sabíamos que era incerto e desafiador. Que esteve do meu lado, contribuindo com suas críticas, sugestões, orientações ou apenas ouvindo minhas angústias de aluna e pesquisadora. Meu modelo de profissional, que me ensina todos os dias que é possível construir conhecimento sem o uso de punição. Que muitas vezes aguentou minha cara de séria, tédio, cansaço e provavelmente não sabe o quão é importante para mim. Jazz, meu orientador, muito obrigada!

E à todos aqueles que desde o início acreditaram que era possível realizar este trabalho. Me incentivaram durante todo o processo, e mesmo que de longe, me deram força e credibilidade para seguir sempre adiante. Daiane, Priscila, Luciano e Elaine, muito obrigada!

Título: Teste projetivo Rorschach na perspectiva da Análise do Comportamento -
Uma análise inicial

Autora: Ana Carolina Santos do Amaral Lima

Orientador: Denigés M. R. Neto

RESUMO

A utilização de testes psicológicos é percebida desde meados do século XIX, sendo tais testes divididos entre testes psicométricos e projetivos. O teste de Rorschach é considerado um teste projetivo que tem como objetivo analisar aspectos da “personalidade” do participante. Atualmente, a principal linha teórica utilizada para interpretação deste teste é a psicanálise. A presente pesquisa busca compreender quais seriam os processos comportamentais dos episódios perceptivos ocorridos no teste de Rorschach e, com base em tal análise, responder se é possível que um psicólogo analista do comportamento faça uso de tal instrumento psicológico. O objeto de estudo foi o livro “o psicodiagnóstico” de Rorschach (1937). Os resultados mostraram que é possível analisar alguns processos comportamentais que ocorrem no teste como o histórico de reforçamento positivo e negativo, discriminação, generalização e as Operações Estabelecedoras predominantes no momento do teste. Por ser uma análise inicial do tema e haver uma falta de produção teórica sobre especificidades encontradas na análise, não foi possível afirmar se um analista do comportamento pode ou não utilizar o teste de Rorschach. Dessa forma, é recomendado a continuidade de pesquisas com o tema, a fim de desenvolver maiores conhecimentos acerca de tal assunto.

Palavras-Chave: Análise do Comportamento; Testes Projetivos; Rorschach; Operação Estabelecedora

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
1.1. Os testes psicológicos.....	5
1.2. Análise do Comportamento.....	9
2. Método.....	23
3. Resultados.....	25
4. Considerações finais.....	31
5. Referências.....	35

INTRODUÇÃO

Os testes psicológicos

A utilização de testes psicológicos é percebida desde meados do século XIX, sendo os primeiros testes voltados para a testagem de inteligência e aptidões específicas em grupos de pessoas superdotadas, com deficiência intelectual, neuróticos e psicóticos. No período da Primeira Guerra Mundial, os testes psicométricos de inteligência e aptidão passaram a ser aplicados também em todas as áreas do serviço militar de alguns países (Formiga e Mello, 2000). De acordo com Formiga e Mello (2000), os testes psicológicos foram criados e utilizados para

(...) determinar e analisar diferenças individuais em relação a inteligência, aptidões específicas, conhecimentos escolares, adaptabilidade vocacional e dimensões não intelectuais da personalidade. Sua utilização é de uma gama extraordinária e que vai, desde o ponto de vista psicológico, educacional, sociológico e até o cultural. O seu uso frequente inclui: desde a natureza e a sequência do desenvolvimento mental, à aspectos intelectuais, de personalidade e de grupos menos típicos como os superdotados, *retardados mentais*, neuróticos e psicóticos. (p.13)

Ainda segundo os autores Formiga e Mello (2000), grande parte do desenvolvimento dos testes construídos na Europa no século XIX, foram influenciado por concepções mecanicistas, principalmente pelo Positivismo Lógico de Comte, buscando resultados a partir de fatos observáveis. O materialismo foi outra corrente de grande influência no desenvolvimento dos chamados testes psicológicos, defendendo a ideia da mensuração a partir de propriedades físicas, dando assim grande destaque às estruturas anatômicas e fisiológicas, assim como o acúmulo de experiências sensoriais responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo. Os testes considerados quantitativos, com grande influência do materialismo e positivismo são classificados como testes psicométricos.

Atualmente os testes psicométricos são amplamente utilizados na categoria de psicodiagnóstico, buscando mensurar dificuldades da aprendizagem, adaptação ao ambiente, e orientação vocacional. De acordo com Formiga e Mello (2000),

Os testes na clínica não se interessam em apenas dar um resultado estanque, ele faz parte de um processo onde são mais um instrumento para facilitar o conhecimento mais completo do paciente para daí poder ajudá-lo. Nas organizações, nas indústrias podem auxiliar a seleção e classificação de pessoal para as funções seja das mais ou menos especializadas favorecendo um melhor ajustamento do homem ao seu trabalho. (p.13)

Segundo Noronha e Primi (2004), os testes psicométricos sofreram grandes críticas dentro da psicologia, principalmente entre as décadas de 60 e 70, o que causou uma pequena queda no seu uso dentro da profissão

(...) nas décadas de 60 e 70, os instrumentos foram criticados e o seu uso minimizado na atuação do profissional de Psicologia; dentre os motivos, encontra-se o advento do pensamento humanista, o movimento de contra-cultura, o questionamento a respeito das idéias tecnicistas e, principalmente, no Brasil, a associação dos modelos de avaliação com a cultura técnica norte-americana. (p.89)

Os testes projetivos representam a segunda categoria dentro dos testes psicológicos e, segundo Pinto (2014), são utilizados desde o início do século XX, variando entre seus momentos de auge e descrédito. Durante a década de 1960, mesmo com uma pequena queda, as avaliações psicométricas possuíam grande influência nos padrões de confiabilidade, o que fez com que os testes projetivos fossem vistos com muita suspeita por parte de psicólogos de diversas linhas teóricas que afirmam que tais técnicas não garantem objetividade em seus métodos e resultados. Em sua pesquisa, Pinto (2014) afirmou que é possível notar o efeito dessas críticas em relação à objetividade das técnicas ainda hoje, com situações como os frequentes vetos feitos pelo Conselho Federal de Psicologia às diferentes técnicas de avaliação psicológica.

Em 1980, foi criada no Conselho Federal de Psicologia (CFP) a Comissão Nacional Sobre Testes Psicológicos, com o objetivo de discutir as políticas dentro da área. Em 1986 foram incluídas algumas recomendações sobre o uso das técnicas de avaliação psicológica. Noronha e Primi (2014) apresentam os dados da resolução relacionada aos laudos e avaliações psicológicas:

A resolução CFP 02/2003 estabelece que os instrumentos de avaliação psicológica, no Brasil, para serem considerados como tal e estarem em condições de uso profissional, devem atender a um conjunto de requisitos mínimos estabelecidos pela Psicometria. A resolução apóia-se em documentos internacionais que tratam detalhadamente desse assunto. Basicamente, esses requisitos indicam que os instrumentos devem possuir: (a) uma fundamentação teórica, (b) evidências empíricas de validade e precisão das interpretações propostas, (c) um sistema de correção e interpretação dos escores, (d) uma descrição clara dos procedimentos de aplicação e correção (e) um manual contendo essas informações. (p.90)

Em seu site, o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, aponta como o Conselho Federal de Psicologia reitera o posicionamento sobre colocar-se como uma instituição capaz de validar os testes a serem usados pelos profissionais da psicologia, e rebate as críticas de que os psicólogos que deveriam tomar a decisão sobre qual instrumento é mais adequado no exercício da profissão.

É responsabilidade do psicólogo a avaliação e a escolha dos instrumentos, métodos e técnicas no exercício profissional. No entanto, diante dos inúmeros questionamentos e representações éticas decorrentes da utilização de testes psicológicos sem respaldo científico que acarretam em possíveis danos à sociedade e para manter a imagem da psicologia como sendo uma profissão fundamentada pela ciência e de grande contribuições para o desenvolvimento social, o CFP editou a Resolução CFP n.º 002/2003 que regulamenta os procedimentos para a avaliação dos testes psicológicos, a fim de melhorar a qualidade da avaliação psicológica quando na utilização desses instrumentos. (p.1)

Outra preocupação quanto à utilização de testes é apresentada por Oliveira et. al. (2005), em seu trabalho sobre o uso de técnicas e instrumentos psicológicos por psicólogos comportamentais. As autoras afirmam que a formação dos psicólogos em relação aos instrumentos psicológicos é defasada, acarretando muitas vezes em uma utilização e avaliação inadequada do material do teste e seus resultados. Ainda nesse trabalho, apontam a importância da figura do aplicador e como os resultados dos testes podem ser impactados diretamente pela sua atuação.

(...) as informações coletadas com os testes psicológicos dependem não somente da qualidade do instrumento, mas também do conhecimento e competência científica de quem o utiliza. Conhecer e saber manipular um instrumento psicológico é algo que merece mais atenção no âmbito psicológico, pois, conforme preconizam Anastasi e Urbina (2000), há a necessidade de se ter um conhecimento básico sobre os testes, visto que servem de fonte de informações para as pessoas tomarem decisões sobre si ou sobre os outros. (p.128)

Ao longo do desenvolvimento das técnicas consideradas projetivas, nota-se a forte presença de duas correntes teóricas da psicologia: Gestalt e Psicanálise. Em seu trabalho sobre conceitos fundamentais dos métodos projetivos, Pinto (2014), parafraseando Frank (1939), afirma que

as técnicas projetivas ofereciam acesso ao mundo dos sentidos, significados, padrões e sentimentos, revelando aquilo que o sujeito não pode ou não quer dizer, frequentemente por não se conhecer bem. De acordo com este autor, tais métodos podiam apreender aspectos latentes ou encobertos da personalidade, por serem inconscientes. (p.136)

De acordo com Formiga e Mello (2014), Frank cunhou o termo “método projetivo” em 1939, para designar o estudo da personalidade. Para isso baseou-se no teste de associação de palavras de Jung (1904), o teste de manchas de tintas feito por Rorschach em 1920 e no TAT (Teste de Apercepção Temática), desenvolvido por Murray, em 1935. O termo “projeção” foi retirado da teoria psicanalítica Freudiana e, de acordo com o Dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon (1998) sua definição é

Termo utilizado por Sigmund Freud a partir de 1895, essencialmente para definir o mecanismo da paranóia, porém mais tarde retomado por todas as escolas psicanalíticas para designar um modo de defesa primário, comum à psicose, à neurose e à perversão, pelo qual o sujeito projeta num outro sujeito ou num objeto desejos que provêm dele, mas cuja origem ele desconhece, atribuindo-os a uma alteridade que lhe é externa. (p.603)

Utilizando-se das definições de projeção e seus mais diversos usos apresentados na obra Freudiana e de autores posteriores à ele, Pinto (2014) afirma que

Os métodos projetivos afirmam a possibilidade de dizermos algo sobre alguém, por meio de sua produção, de suas visões diante de estímulos ambíguos. As experiências prévias influem nas percepções, e produzem entrelaçamentos que se materializam nas fantasias criadas frente a estímulos ambíguos. Tais criações acabam constituindo uma amostra válida e confiável do modo de ser da pessoa, de sua personalidade (ANZIEU, 1988; ABT & BELLAK, 1967). A *clousura* gestáltica das manchas do teste de *Rorschach*, o rabiscar de um desenho com as chamadas técnicas gráficas, ou ainda o relato de uma história nos testes temáticos ao estilo do *TRO* (Teste de Relações Objetais) de Phillipson (1981), ou do *Ômega* de Villas-Boas (1972) — todas estas atividades permitirão a leitura da vida psíquica. (p.145)

Em seu trabalho, Formiga e Mello (2014), parafraseando alguns autores, sobre testes projetivos com estímulos pouco ou não estruturados, afirmam

Na medida em que os estímulos pouco ou nada estruturados são apresentados diante do sujeito sua resposta é sempre projetiva, reveladora de sua maneira particular de ver a situação, de sentir e interpretar. Tais estímulos provocam projeções em condições ótimas, economizando tempo e esforço, que situações menos ambíguas e indefinidas. (Van Kolck, 1975; Anzieu, 1981; Alves, 1998)

De acordo com Lopes (1998), as mudanças que acontecem só serão evidentes quando as técnicas tradicionais permitem centrar no sujeito, enfatizando o contexto global no qual ocorre o comportamento. Desta forma, é possível detectar informações projetivas tanto quando se tratar de fatores sócio-culturais quanto de fatores de variáveis internas, somente assim, entender-se-á a constituição das características psicológicas como um processo histórico-cultural. O método projetivo não se propõe apenas em se deter em medidas dos traços ou a quantificação, mas em compreender o sujeito - o que faz e não faz, a forma como faz, quando e porquê. (p.15).

Análise do Comportamento

Tanto as teorias psicanalíticas e gestálticas propõem interpretações psicodinâmicas para o que acontece no momento da aplicação do teste e seus resultados, atribuindo à instâncias interiores ao sujeito as causas de suas respostas no teste e nelas baseiam suas interpretações. As respostas apresentadas durante o teste são consideradas um mero evento, sendo as dinâmicas internas o objeto de interesse.

Essa maneira de interpretação é contrária à defendida pela Análise do Comportamento, que entende que todo comportamento é necessariamente fruto da relação do sujeito que se comporta e seu ambiente e que as “causas” do comportamento observado estão nas variáveis do ambiente imediato e em sua história ambiental (história filogenética, ontogenética e cultural). Em seu livro *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (1953/2003) aborda o tema da atribuição das causas do comportamento à agentes internos

Já se sustentou que um único organismo é controlado por vários agentes psíquicos e que seu comportamento é a resultante de 'suas várias tendências. Os conceitos freudianos do ego, superego e id são muitas vezes usados desta maneira. São com freqüência encarados como criaturas sem substância, por vezes em conflito violento, cujas derrotas ou vitórias resultam no comportamento ajustado ou desajustado do organismo físico no qual residem. (p. 31)

De acordo com Formiga e Mello (2014), Frank acredita que os testes projetivos “abordam uma dinâmica holística da personalidade, uma estrutura evolutiva onde os elementos se interagem e a pessoa expressa em uma atividade construtiva e interpretativa a fantasia interior”. Ou seja, algo que o faz ter a tendência de agir de uma maneira ou outra em determinadas situações. Tal pensamento, aproxima-se das vertentes mentalistas criticadas por Skinner, definidas por Carvalho Neto, Tourinho, Zilio et al. (2012) da seguinte maneira:

Em linhas gerais, o mentalismo consistiria na atribuição das causas do comportamento aos eventos internos mentais que não possuiriam bases físicas. Skinner associa tal caracterização do mentalismo à filosofia cartesiana, à psicologia introspectiva e à psicanálise de Freud. (p.16 e 17)

Diz-se, por exemplo, que uma pessoa com a “personalidade” explosiva, em uma situação de conflito tenderá a ser mais agressiva. A explicação mentalista seria a de que ela agiu da maneira que agiu devido à uma agressividade interna que a controla e a fez agir de maneira explosiva, ignorando assim as relações ambientais que controlam as suas respostas no momento e as relações na história individual que a controlaram anteriormente construindo seus repertórios. Desse ponto de vista, atribuir o controle às

causas internas não colaboram para entender o fenômeno que se apresenta e nem compreender a maneira como o participante funciona. Ainda no *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (1953/2003) afirma que

A objeção aos estados interiores não é a de que eles não existem, mas a de que não são relevantes para uma análise funcional. Não é possível dar conta do comportamento de nenhum sistema enquanto permanecemos inteiramente dentro dele; finalmente será preciso buscar forças que operam sobre o organismo agindo de fora. (p. 37)

Ao longo de sua obra, Skinner apresenta algumas críticas ao modelo mentalista e estas são sistematizadas no trabalho de Carvalho Neto, Tourinho, Zilio et al. (2012). Os autores separam os tipos de mentalismos discutidos por Skinner em diversas categorias, apresentando as características de cada uma e as críticas do autor. Skinner apresenta algumas possíveis justificativas para o surgimento de vertentes mentalistas que buscam de alguma forma explicar o comportamento. A primeira justificativa seria a incapacidade de relacionar a causa de alguma ação à um evento imediato no ambiente, buscando-se então a causa “dentro” daquele que se comporta, sua “mente”. Outra justificativa seria que o comportamento observado é muito caótico e inexplicável em si mesmo, logo, seria necessário olhar para eventos internos mais organizados para compreender a causa destes. Skinner aponta que utilizar o dualismo mente-corpo não seria o método cientificamente mais adequado pois haveria problemas em explicar como eventos de natureza mental, não física poderia interferir em um evento físico.

Skinner, interessado nos determinantes da ação, pergunta como um evento não-físico - a mente cartesiana -, que não possui extensão e que, por isso, não ocupa lugar no espaço e no tempo, poderia vir a afetar um outro evento inteiramente físico, constituído de matéria e substância - o comportamento dos organismos. (CARVALHO NETO, TOURINHO, ZILIO et al., 2012, p.21)

Em seu trabalho sobre “Comportamento e causalidade”, Andery, Sérgio e Micheletto (2009), parafraseando Skinner apresentam como o autor compreende o comportamento

Como afirma Skinner (1987), o termo comportamento descreve sempre uma relação – o intercâmbio entre o organismo e o ambiente; mais especificamente, comportamento descreve uma relação ou interação entre atividades do organismo, que são chamadas genericamente de respostas, e eventos ambientais, que são chamados genericamente de estímulos. Concluindo, definimos comportamento como a relação entre estímulo e resposta. (p.5)

Após estudar a questão dos comportamentos reflexos, Skinner se dedica a estudar aquilo que passou a chamar de comportamento operante. Uma relação onde o sujeito emite uma resposta, tal resposta provoca uma mudança no mundo que retroage sobre o sujeito que se comporta, aumentando ou diminuindo a probabilidade dessa resposta ocorrer novamente no futuro, desde que indivíduo se encontre em condições ambientais parecidas. Em seu trabalho sobre os princípios básicos da análise do comportamento, Moreira & Medeiros (2007) afirmam que

As consequências de nossos comportamentos vão influenciar suas ocorrências futuras. Dizer que as consequências dos comportamentos chega a afetá-los é o mesmo que dizer que as consequências determinarão, em algum grau, se os comportamentos que as produziram ocorrerão ou não outra vez, ou se ocorrerão com maior ou menor frequência. (p.49)

Em seu texto “O papel do meio ambiente”, Skinner (1969/1975) explicita os termos utilizados para compreender o comportamento operante e os seus determinantes

Usando a frequência de resposta, como variável dependente, tornou-se possível observar mais adequadamente as interações entre um organismo e o seu ambiente. Os tipos de consequência, que aumentam a frequência ou o nível (“reforçadores”), podem ser positivos ou negativos, dependendo de serem reforçadores quando aparecem, ou quando desaparecem. A classe de resposta, em relação às quais o reforço é contingente (cuja frequência de emissão depende de reforços), chama-se operante, para sugerir a ação sobre o ambiente, seguida de reforço. Construímos um operante ao tornarmos um reforço contingente a uma resposta, mas o fato importante, quanto à unidade resultante, não é sua topografia, mas sua probabilidade de ocorrência, observada como nível de emissões. Os estímulos anteriores não são irrelevantes. Qualquer estímulo presente, quando um operante for reforçado, adquire

o controle, no sentido de o nível de respostas ser superior na presença dele. Tal estímulo não age como agulhão; não alicia resposta, no sentido de forçá-la a ocorrer. É simplesmente um aspecto essencial da ocasião em que uma resposta, se emitida, será reforçada. Para marcar a diferença, vamos chamá-lo estímulo discriminativo (ou SD). (p.3)

No livro *Sobre o Behaviorismo* (1974), Skinner inicia o capítulo sobre ‘o perceber’ apresentando teorias comumente aceitas ao longo da história sobre como o indivíduo percebe e age sobre o mundo que o cerca. São apresentadas duas vertentes teóricas que se distanciam das do behaviorismo radical: a primeira delas é a teoria da cópia, na qual o sujeito cria cópias do mundo real dentro de si e se relaciona com elas; a segunda, aproximando-se da psicologia experimental, considera que o ambiente é o que inicia a relação indivíduo - ambiente, marcando o sujeito que passa então a se relacionar com o ambiente com base nessas marcas.

Na teoria da cópia, o sujeito nunca se relaciona com o mundo real, mas com cópias deste que são armazenadas em algum lugar da “memória” do sujeito e são acessadas quando necessárias. Entretanto, tal teoria é passível de compreensão (parcial) se levado em conta apenas estímulos visuais, como por exemplo, quando nos deparamos com uma obra de arte que representa uma cópia da parte do ambiente que serviu de modelo/inspiração para o artista. Ao expandir tal teoria para estímulos auditivos, tal relação é mais difícil de sustentar pois, parece menos possível que estejamos nos relacionando com uma cópia interna sonora de uma orquestra tocando do que com o som produzido pelos músicos (exemplo usado no livro). Ao observar estímulos apreendidos através do olfato e do tato, a teoria da cópia se apresenta de maneira mais frágil, já que tanto o tato quanto o olfato dependem diretamente da presença de um estímulo físico (exemplo: sentir a textura de uma folha). De acordo com Skinner (1974/2006), colocar parte do ambiente como uma cópia interna ao sujeito não contribui para explicar o que acontece quando o sujeito se comporta, assim como uma visão puramente fisiologista não é capaz de explicar todos os aspectos do comportamento.

O segundo modelo explicativo (concepção estímulo-resposta) sobre o perceber se aproxima do behaviorismo Radical ao considerar que o ambiente possui um papel fundamental na ação inicial da resposta de perceber do sujeito. Porém, distancia-se ao considerar que o sujeito se apresenta de maneira passiva, e o ambiente por sua vez abre

caminho até este sujeito e marca-o. Esta marca é transformada e armazenada no interior do indivíduo que, no momento necessário poderia acessar tal conteúdo e responder a partir dele. Um dos campos da psicologia experimental (Wundt e Titchener) dedicou-se a estudos de comportamentos controlados exclusivamente pelo contato atual ao estímulo, sem levar em conta a exposição prévia. Esperava-se que desta maneira, fosse possível observar respostas da vida mental do indivíduo.

Para Skinner (1974/2006), tais teorias não são suficientes para explicar o comportamento do perceber, que estaria sujeito às mesmas leis do comportamento operante

“Em ambas as teorias, o ambiente penetrava no corpo: na mentalista, o mundo era recebido pelo percipiente; na concepção estímulo-resposta, o ambiente abria caminho até ele. (...) As duas formulações dirigiam a atenção para a representação interna da realidade em suas várias transformações. (...) Numa análise operante, e no behaviorismo radical que se constrói sobre ela, o ambiente permanece onde está e onde sempre esteve - fora do corpo.” (p. 65-66)

Skinner propõe uma análise com base no controle de estímulos no comportamento operante. O ambiente evoca uma resposta do sujeito que, ao se comportar produz um estímulo que transforma o mundo, de maneira a afetar o sujeito que se comporta. Dessa forma, o ambiente afeta o indivíduo antes e depois que este emite uma resposta.

Na maioria dos casos, “ver” foi uma resposta precorrente que colocou o indivíduo em contato com o estímulo que antecede a resposta que permite acessar o reforço (por exemplo, antes de poder pegar a comida o sujeito vê a comida). Em situações futuras, em que o sujeito esteja motivado para entrar em contato com tal reforçador novamente, passará a “olhar em busca de x”, ou seja, passa a emitir respostas que anteriormente o levaram a ver o objeto reforçador. No capítulo “eventos privados em uma ciência natural”, do *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (1953/2003) discute sobre o ver como um comportamento operante, apresentando exemplos da importância da história de reforçamento na manutenção das respostas precorrentes à resposta de ver.

Suponha que forcemos fortemente uma pessoa quando encontra um trevo de quatro folhas. O aumento da frequência de “ver um trevo de quatro folhas” será registrado por muitos meios. A pessoa estará mais inclinada a olhar procurando trevo

de quatro folhas do que antes. [1.] Olhará em lugares onde já encontrou trevos de quatro folhas. [2.] Os estímulos que se assemelham à trevo de quatro folhas evocarão uma resposta imediata. Sob circunstâncias ligeiramente ambíguas colherá erradamente um trevo de três folhas. Se nosso reforço for suficientemente eficaz, poderá [3.] ver mesmo trevo de quatro folhas nos padrões de tecidos, papéis de parede, e assim por diante. Pode também “ver trevos de quatro folhas” [4.] quando não houver simulação visual semelhante - por exemplo, quando seus olhos estão fechados ou quando estiver em um quarto escuro” (p.296-297)

Dessa forma, “ver” se torna um comportamento operante, uma resposta parte de uma contingência que pode estar sob controle de diversos estímulos discriminativos. Estímulos que acompanharam a presença do estímulo reforçador, tornam-se também reforçadores, portanto, todas as respostas que permitirem o contato com tal estímulo serão reforçadas.

No exemplo apresentado, o sujeito foi fortemente reforçado por membros de sua comunidade ao encontrar um trevo de quatro folhas. Dessa forma, a presença do trevo de quatro folhas passa a “sinalizar” a probabilidade de reforço social (“muito bem, agora você terá sorte!”). O trevo de quatro folhas, que inicialmente acompanhou o reforço social, passa então a ser um estímulo reforçador condicionado e sua presença contínua reforçadora por um período, mesmo que não seja mais seguida diretamente por reforço social. Essa pessoa passa então a estar mais inclinada a emitir comportamentos que no passado o permitiram entrar em contato com o trevo, tais como (1) frequentar jardins e parques ou olhar na direção de canteiros de plantas. (2) Os estímulos que possuam propriedades parecidas com o trevo passam a exercer maior controle sobre o comportamento perceptivo do sujeito, tais como objetos que possuem formato parecido (quatro pontas arredondadas) ou tonalidades de verde. (3) Se a história de reforçamento for suficientemente forte, as respostas de percepção desse sujeito podem ficar sob controle de estímulos que guardem pouca semelhança com as propriedades do estímulo original. É possível que ele veja trevo de quatro folhas nas estampas de tecidos, papéis de parede ou manchas de tinta.

Outros objetos que estiveram presentes no momento em que o trevo de quatro folhas foi visto, como por exemplo grama, terra ou outros tipos de plantas, tornam-se estímulos condicionados e “sinalizam” maior probabilidade de encontrar o trevo de quatro folhas novamente. A depender da força da história de reforçamento, esses estímulos

condicionados podem evocar respostas de “ver” mesmo que na ausência do estímulo reforçador inicial. Para exemplificar a atuação dos estímulos condicionados, ainda no capítulo sobre “visão operante”, Skinner (1953/2003) traz o exemplo de uma pessoa com um grande interesse por cães:

Consideremos, por exemplo, uma pessoa interessada em cães. Uma característica dessa pessoa é que a resposta de “ver cães” é especialmente forte. Olha para cães a cada oportunidade e se empenha em comportamentos que tornem isso possível - por exemplo, visita canis e exposições caninas. Dispõe estímulos que lembram-lhe cães - pendura fotografias de cães nas paredes, coloca estatuetas de cães em sua mesa, compra livros que contém fotografia de cães. (...) O comportamento de ver cães também acontece na ausência de qualquer suporte externo identificado. Ele “pensa sobre cães”, devaneia sobre cães, e talvez sonhe mesmo com cães durante a noite. (p.297)

Tanto no exemplo do trevo de quatro folhas quanto no exemplo de uma pessoa com grande interesse por cães, Skinner descreve três formas em que a resposta de ver pode ocorrer: a primeira parte dos dois exemplos, o sujeito vê o objeto na presença de uma estimulação externa mais estruturada, seja ela a presença do objeto em si, de outros estímulos que anteriormente acompanharam o estímulo reforçador ou possuem propriedades semelhantes ao objeto reforçador. A segunda forma, o sujeito pode ver o objeto na presença de uma estimulação fraca, com o estímulo pouco ou nada estruturado e que guarde o mínimo e semelhança com o objeto reforçador. A terceira possibilidade é ver na ausência de qualquer estimulação concreta.

Além do histórico de reforçamento, outra variável que controla o comportamento de perceber de um indivíduo é a privação. Ao entrar em privação, as respostas de percepção do sujeito ficam mais sensíveis ao controle de estímulos que “sinalizam”, são discriminativos, para a presença do estímulo reforçador que eliminará ou diminuirá a privação. Também aumenta a probabilidade de emissão de respostas que no passado permitiram que o sujeito entrasse em contato com o estímulo discriminativo daquilo que eliminaria a privação.

Quando tornamos um homem faminto, aumentamos o número de respostas práticas que no passado foram reforçadas com alimento. Também aumentamos a frequência de respostas artísticas ou verbais que produzem quadros de alimento, ou geram

estímulos condicionados que são eficazes por que acompanharam o alimento (...)
(Skinner, 1953/ANO consultado p. 298)

Aarts; Dijksterhuis; Vries (2012), realizaram uma pesquisa na qual manipulam variáveis que, em uma linguagem comportamental, seriam chamadas de motivacionais e medem seus efeitos. A pesquisa contou com 142 estudantes de graduação distribuídos em dois experimentos. Para o primeiro experimento, foram escolhidos aleatoriamente 54 estudantes, e foi solicitado a alguns deles que ingerissem uma substância agridoce, com diferentes porcentagens de sal, estabelecendo assim diferentes estados de privação¹ de água. Em seguida, foram submetidos a uma atividade na qual eram expostos a conjuntos de letras, algumas formavam palavras existente ou inventada (sem sentido) e, no momento que cada uma surgia numa tela deveriam clicar em botões diferentes caso fosse uma palavra existente ou inventada. As palavras existentes utilizadas foram divididas em dois temas: palavras relacionadas ao beber (copo, garrafa, caneca) e palavras relacionadas à móveis domésticos (mesa, cadeira). Mediu-se o tempo de latência entre a apresentação da palavra e a emissão da resposta do sujeito indicando se a palavra existia ou não. Com isso, esperava-se saber se o estado de privação afetava a velocidade do perceber do sujeito, e se era evidenciada alguma diferença entre a velocidade de perceber palavras relacionadas ao beber e as não relacionadas. Os 54 participantes foram distribuídos em três grupos: (1) os participantes do primeiro grupo formaram o grupo controle e não ingeriram nenhuma substância antes de realizar o teste das palavras. (2) os participantes do segundo grupo comeram uma guloseima chamada pelos autores de “salty sweets”, ficando em uma condição de privação baixa. (3) os participantes do terceiro grupo, ingeriram os mesmos “salty sweets” que os participantes do segundo grupo, porém, com um acréscimo de 14% de sal, ficando assim em uma situação de privação maior do que o segundo grupo. Os resultados mostraram que, para as palavras não relacionadas com o beber, não houve diferença significativa na velocidade da resposta entre os grupos. Entretanto, para as palavras relacionadas ao beber, quanto maior o estado de privação estabelecido pelo consumo de sal, mais rápida a identificação das palavras pelos participantes.

¹ Segundo Michael (1993) o consumo de sal como operação que teria papel semelhante ao da privação de água, estabelecendo-a como um reforçador efetivo e evocando respostas que a produziram anteriormente.

A pesquisa de Aarts; Dijksterhuis; Vries (2012), apesar de reconhecer a importância do ambiente e da condição de privação do sujeito como grandes influências nas respostas de perceber, foca sua explicação em uma teoria cognitivista, na qual afirmam que o sujeito possui um local interno que armazena suas experiências anteriores e, quanto maior o nível de privação da situação posta, mais acessível esses dados estariam para o sujeito que, a partir deles, poderia se comportar. Essa forma de explicação se aproxima da concepção de armazenamento da experiência, criticada por Skinner (1974): como se o processo envolvesse um caminho no qual parte do ambiente entrava no corpo, ali era transformada, armazenada e, no momento mais oportuno, poderia ser acessada pelo sujeito e emergir em forma de resposta. Para Skinner, a explicação do que foi encontrado neste experimento estaria na história de reforçamento do sujeito, que surgiu através de sua relação com o ambiente.

Nesse experimento é possível observar a maneira como a privação se implica no controle de estímulos das respostas do sujeito, afetando a latência das mesmas. O grupo 3, que estava sob maior nível de privação, estava “mais sensível” ao controle de estímulos relacionados à água, logo, respondiam mais rapidamente a eles. O segundo grupo, que estava em um estado de privação médio, respondeu mais rápido do que o grupo controle, entretanto, com um tempo de latência maior do que o grupo 3 que estava em maior privação. Dessa maneira, quanto maior o estado de privação do sujeito, maior era o controle exercido pelos estímulos que “sinalizam” (são discriminativos) para presença do estímulo reforçador que eliminará ou diminuirá a privação, assim como este sujeito emitirá respostas que anteriormente o permitiram entrar em contato com tais estímulos.

Em situações onde o estímulo presente é vago ou pouco estruturado e o comportamento de ver ocorre, é possível observar que tais respostas estavam fortemente sob controle das variáveis já apresentadas: histórico de reforçamento e/ou privação.

Quando o estímulo é fraco ou vago, torna-se amíúde claro que outras condições estão afetando a probabilidade de uma pessoa ver uma coisa de determinada maneira. O amante “pensa ter visto” sua amada na multidão, mas somente quando o estímulo visual for fugaz ou obscuro. (...) O nível de privação faz diferença; por engano, “ouve-se o telefone” quando uma chamada é importante e os que sofrem privação sexual vêem falos e vaginas em objetos que têm pouca semelhança geométrica com esses órgãos. Por outras palavras, uma pessoa vê uma coisa como

alguma outra coisa quando a probabilidade de ver esta coisa é grande e o controle exercido por aquela é pequeno. (SKINNER, 1974. p.67)

Cunha & Isidro-Marinho (2007) afirmam que ao longo da história a motivação foi considerada como uma das principais variáveis determinantes do comportamento por diversas abordagens. Entretanto, motivação em seu sentido coloquial, têm sido entendida como “ato ou efeito de motivar”, enquanto dentro das mais diversas abordagens da psicologia foi por muito tempo entendida como impulso ou instinto. Segundo os autores, a questão central está em descrever as variáveis de controle do comportamento, considerando que, para analistas do comportamento, as variáveis motivacionais são variáveis ambientais (Cunha & Isidro-Marinho, 2007).

O conceito de Operação Estabelecadora (OE) refere-se ao fato de que para algo funcione eficazmente como reforçador, é necessário que outro evento ambiental determine sua eficácia (Cunha & Isidro-Marinho, 2007). Ainda segundo os autores

Definir motivação como operações estabelecadoras implica poder executar certas operações sobre o organismo (p. ex.: privá-lo de alimento), as quais têm como efeitos uma mudança momentânea da efetividade de um evento como reforçador e uma mudança momentânea da frequência de qualquer comportamento que tenha sido seguido por esse evento reforçador (p.29).

As Operações Estabelecadoras são divididas em duas categorias: operações estabelecadoras incondicionadas e condicionadas. OE incondicionadas são de origem filogenética e variam entre as espécies, sendo que os efeitos de alteração de eficácia de reforço abrangem eventos e estímulos reforçadores incondicionados. É dividida em nove categorias: aumento da temperatura, diminuição da temperatura, variáveis relacionadas ao comportamento sexual, privação e saciação de alimento, água, oxigênio, atividade e de sono (Cunha & Isidro-Marinho, 2007).

As Operações Estabelecadoras Condicionadas são de origem ontogenética e estão relacionadas com a história de condicionamento de cada sujeito. São divididas em três categorias principais: Operações estabelecadoras condicionada substituta; operações estabelecadoras condicionadas reflexas e operações estabelecadoras condicionadas transitiva. Tais operações não serão exploradas com profundidade neste trabalho, apenas

serão brevemente apresentadas. O ponto central será os efeitos as Operações Motivadoras (O.M) sobre os estímulos discriminativos.

Michael (1993) aponta como maior contraste entre o Sd e o OE's está em que o Sd está relacionado à disponibilidade ou não do reforço, enquanto as OE's estabelecem o valor reforçador destes estímulos. Dessa forma, o Sd apenas exercerá seu papel evocador se a OE presente no momento aumentar o seu valor reforçador. Como exemplo, um sujeito que está privado de água estava mais sensível à todos os estímulos que no passado o permitiram entrar em contato com a água. Assim, o estímulo "copo" controlará mais eficazmente sua resposta. Quando o mesmo sujeito não estiver privado de água, ou seja, a OE para água não for forte, o Sd "copo" terá seu valor evocativo diminuído, e não evocará nenhuma resposta de beber água.

Outra função da OE sobre o Sd é aumentar o seu valor supressor, ou seja, determina quando um Sd suprimirá a resposta. Como exemplo, um sujeito pode responder à luz vermelha de um semáforo parando o carro (Sd suprime a resposta de acelerar o carro). Em um momento que o sujeito está dirigindo a noite, em uma via considerada de alto risco para assaltos, a OE de se proteger de possíveis assaltos estará mais forte no momento, e poderá não aumentar o valor supressivo do Sd, fazendo com que o sujeito não pare o carro.

Changizi & Hall (2001) realizaram um estudo buscando avaliar quais as variáveis poderiam influenciar no comportamento perceptivo e, apesar dos pesquisadores seguirem por uma linha de análise cognitiva, os resultados de seus experimentos são úteis para observar o efeito da OE's no comportamento perceptivo.

O experimento contou com 74 participantes divididos em dois grupos: um grupo comeu salgadinho imediatamente antes do início do experimento, enquanto o grupo controle não ingeriu salgadinho e imediatamente antes do experimento, beberam água. Dessa forma, o primeiro grupo começou o experimento com as OE's para água aumentada, visto que com a alta ingestão de água estariam com sede. Já o segundo grupo não estava com essa OE's no momento do teste.

Para os dois grupos foram apresentados estímulos diferentes, divididos em 3 categorias diferentes: um grupo classificado como definitivamente transparente, outro que tinha uma transparência ambígua (poderia ou não ser considerada transparente) e um terceiro grupo de estímulos, considerados como definitivamente não transparente.

Quando os estímulos eram apresentados, os participantes deveriam apertar um botão classificando se o estímulo apresentado era ou não transparente.

Os resultados mostraram que os participantes do grupo que ingeriu salgadinho antes do experimento apresentaram uma maior tendência a definir como “transparente” os estímulos da classe ambíguo, quando comparados com o grupo controle. As respostas aos outros estímulos também foram de encontro à hipótese dos autores de que quanto mais sede os participantes sentissem (OE’s voltada para estímulos que no passado permitiram o sujeito a entrar em contato com o reforçador “água”) mais iriam perceber a transparência dos objetos apresentados (visto que transparência é uma propriedade da água, logo, foi um estímulo que o sujeito entrou em contato visualmente em contato, no passado, imediatamente antes de ser reforçado com a água).

Dessa forma, em relação ao efeito das operações estabeledoras sobre o estímulo discriminativo, elas afetam a efetividade evocativa/supressiva do Sd. Aumentam a efetividade evocativa/supressiva dos estímulos relacionados à punição, assim como os estímulos relacionados com um reforçador positivo. As OEs aumentarão a efetividade de controle daqueles estímulos que controlam respostas que no passado permitiram o sujeito entrar em contato com o estímulo reforçador.

Tendo em vista a origem dos testes projetivos e a proposta trazida pela análise do comportamento, autores como Oliveira et. al. (2005) apontam contradições no uso de técnicas psicológicas (abrangendo testes projetivos) por analistas do comportamento. Os principais argumentos apresentados pelas autoras para justificar essa possível contradição seria uma defasagem no ensino de técnicas e instrumentos psicológicos na graduação, o desconhecimento, por parte dos terapeutas, da origem dos testes utilizados ou falta de crítica por parte dos terapeutas comportamentais para perceberem a contradição teórica existente (Oliveira et. al.,2005). Na pesquisa dessas autoras, o teste de Rorschach aparece como sendo o terceiro teste projetivo mais utilizado pelos psicólogos comportamentais.

Com base em tais críticas, surge a as questões: Será que é possível fazer uma interpretação comportamental das respostas aos testes projetivos? Se sim, isso validaria seu uso como parte do acervo de um analista do comportamento?

Para responder tais questões, optou-se por fazer uma análise com base na teoria de Skinner, dos controles envolvidos nas respostas do teste, tendo como objeto de estudo

três categorias presentes no teste de Rorschach: os determinantes forma, movimento e cor, assim como os pontos considerados pelo autor como importantes na criação do teste.

MÉTODO

A obra analisada foi o livro “Psicodiagnóstico - Método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção (interpretação de formas fortuitas)” de Hermann Rorschach, publicado pela primeira vez em 1920. Foi utilizada a edição brasileira, publicada pela editora Martins Fontes em 1937.

Decidiu-se ter como material de análise a obra original de Rorschach, na qual o autor apresenta os primeiros resultados de seu teste, visto que é uma obra pioneira e de grande importância na área. Neste livro, Rorschach apresenta os primeiros resultados de seu teste, assim como os métodos utilizados para o desenvolvimento da técnica e suas interpretações iniciais. Sabe-se que desde a publicação de tal material, foram realizados muitos estudos e aprimoramento do próprio teste, dessa maneira outros pontos de análise foram acrescentados ao instrumento, para além do que foi produzido por Rorschach. Levando em consideração que o presente trabalho propõe uma análise comportamental inicial do teste, optou-se por utilizar como objeto de estudo os dados iniciais de Rorschach, deixando a análise dos materiais mais recentes para pesquisas futuras. Com tais análises, espera-se poder começar uma discussão em relação à crítica apresentada por Oliveira et. al.(2005), que afirma que psicólogos comportamentais que utilizam testes psicológicos o fazem por não conhecer a origem de tais materiais, assim como avaliar se é possível fazer uma análise comportamental dos dados coletados pelo teste de Rorschach.

Foi realizada uma leitura cuidadosa dos três* primeiros capítulos do livro “O Psicodiagnóstico” de Rorschach (1937), sendo eles : “I. O Método”, “II. Fatores do teste” e trechos do capítulo “IV. Resultados”. A partir dessa leitura, foram separados trechos divididos em 5 categorias: trechos onde Rorschach apresenta o que considera essencial para o seu teste; trechos onde Rorschach apresenta sua interpretação para os comportamentos observados durante o teste; trechos apontando questões que ainda precisam ser melhor pesquisadas no teste; trechos que guardam alguma semelhança com a proposta comportamental; dúvidas sobre possíveis relações entre o teste com a análise do comportamento. Para a presente pesquisa, considerou-se trecho como sendo um conjunto de palavras chave, frases ou parágrafos inteiros que se encaixassem em uma ou mais das categorias descritas acima.

Em seguida, foi realizada a leitura apenas dos trechos previamente selecionados, sintetizando suas ideias principais e selecionando parágrafos que melhor exemplificam a ideia do autor para apresentar integralmente.

Os dados coletados e divididos nas categorias foram organizados da seguinte maneira:

Cor laranja: trechos onde Rorschach apresenta o que considera essencial para o seu teste;

Cor verde: trechos onde Rorschach apresenta sua interpretação para os comportamentos observados durante o teste;

Cor amarelo: trechos apontando questões que ainda precisam ser melhor pesquisadas no teste;

Cor rosa: trechos que guardam alguma semelhança com a proposta comportamental;

Cor azul: dúvidas sobre possíveis relações entre o teste com a análise do comportamento.

RESULTADOS

Em seu livro *Psicodiagnóstico* Hermann Rorschach (1937) apresenta o teste como uma “prova de percepção”, no qual o participante deve interpretar formas aleatórias que lhe serão apresentadas. De acordo com o autor, tais interpretações se baseiam nas conexões feitas pelo participante do teste entre a imagem apresentada e características de situações vividas anteriormente pelo participante (objetos, lugares, pessoas, ações etc).

Rorschach (1937) apresenta três “processos” envolvidos na resposta de percepção/interpretação do participante: “os de sensação, os de evocação e os de associação”. A fase de “sensação” ocorre no momento em que o participante vê a imagem apresentada na prancha do teste. Esta fase é seguida pela “evocação”, ou seja, a imagem apresentada remete o participante à imagens já conhecidas por ele, devido à propriedades em comum entre os dois objetos. A última fase envolvida no processo de interpretação é “assimilação”, que ocorre quando o participante relaciona a imagem apresentada na prancha com a imagem evocada “pela sua memória”, dando assim uma interpretação ao que a prancha poderia estar representando.

Em uma perspectiva comportamental, é possível dizer que no teste de Rorschach, são apresentados aos participantes pranchas com um conjunto de estímulos (imagens) que podem parcial ou totalmente controlar discriminativamente respostas condicionadas na história do sujeito. Isto é, respostas à “objetos, lugares, pessoas, ações” particulares na história de vida do participante. Tais conjuntos de estímulos apresentados são vagos, e vão evocar respostas que são especialmente fortes (foram fortalecidas) na história do participante, representando seus aspectos mais individuais, ou estímulos que culturalmente fazem parte de contingências de aprendizagem comuns a um grupo. Dessa forma, qualquer conjunto de característica do estímulo atual apresentado (prancha) que sejam semelhantes à Sds estabelecidos na história do sujeito via reforçamento diferencial, irá controlar o comportamento do sujeito que responderá à ele como respondeu ao Sd semelhante na sua história de vida.

Pode-se considerar a fase descrita como “sensação” como a resposta de entrar em contato com a prancha através do sentido “visão” (olhar para a prancha e ver o conjunto de estímulos apresentados). Na fase de “evocação”, o controle exercido por

determinados Sds que foram estabelecidos na história do sujeito é generalizado para o estímulo atual apresentado na prancha, devido à propriedades em comum entre os dois estímulos. “Assimilação” pode ser considerada a resposta verbal do sujeito que, devido à generalização, responde ao Sd atual da mesma maneira que respondeu para o Sd semelhante na sua história (ex: a primeira prancha do teste apresenta um conjunto de estímulos que se assemelham ao estímulos que culturalmente chamamos de borboleta. Dessa forma, quando a prancha é apresentada, o participante pode responder à junção de estímulos presentes na prancha dizendo “é uma borboleta”).

Rorschach considera que as descrições feitas pelo participante das imagens apresentada não possuem um caráter apenas perceptivo da figura, num sentido de descrever puramente aquilo que está impresso na prancha. Mas apresenta também um caráter interpretativo, onde as imagens da memória do participante, que serão evocadas a partir da prancha, representarão parte importante no que será visto no teste. Dessa forma, as figuras percebidas não equivalem totalmente às imagens apresentadas nas pranchas, tão pouco às imagens “internas na memória do participante”, mas representam a junção desses dois elementos, formando assim a percepção.

Em uma análise comportamental, pode-se dizer que o participante além de emitir comportamentos de ver em relação ao estímulo atual apresentado, também emitirá respostas de ver à objetos que não estão concretamente presentes no momento do teste (o que Rorschach está chamando de memórias internas”), mas que possuem características semelhantes ao conjunto de estímulos presentes na prancha, e tais estímulos que controlarão as respostas de ver determinado objeto. Tal análise se aproxima do exemplo do “trevo de quatro folhas”, apresentado por Skinner (1953), no qual uma pessoa que na sua história foi fortemente reforçada à encontrar trevos de quatro folhas, quando entrar em contato com estímulos com propriedades semelhantes aos trevos, poderá ver um, mesmo que este não esteja realmente lá.

Segundo Rorschach, seu teste pode ser considerado um teste de percepção. Rorschach considera percepção como uma assimilação entre as imagens representadas na prancha, percebidas sensorialmente pela visão e as imagens presentes na “memória” do sujeito. O autor compreende que a interpretação das formas apresentadas nas pranchas do teste é um processo de percepção, que envolve os estímulos apresentados atualmente e as “memórias internas” do sujeito.

Ora, se podemos definir a percepção como uma assimilação associativa de engramas disponíveis² (imagens recordação) a complexos de sensações recentes³, poderemos compreender que a interpretação de formas fortuitas surja como uma percepção, na qual o trabalho de assimilação entre o complexo de sensações e o engrama é tão grande que por esta razão será percebida como trabalho de assimilação intrapsíquico. É esta percepção intrapsíquica, equivalente imperfeita do complexo de sensações e do engrama, que dá à percepção o caráter de interpretação. (p. 17)

Ao afirmar que os processos que ocorrem na percepção são tão complexos que só podem ser de origem intrapsíquica, Rorschach apresenta uma justificativa mentalista já criticada por Skinner (e sintetizada por Carvalho Neto, Tourinho, Zilio et al, 2012), de que o comportamento observável é muito caótico para ser explicado sem recorrer a instâncias psíquicas. Em uma perspectiva comportamental, é possível dizer que o comportamento perceptivo apresentado no teste possui múltiplos antecedentes que determinam a resposta do sujeito. A resposta perceptiva fica sob controle do conjunto de estímulos discriminativos apresentados no teste e de suas diferentes propriedades (como diferentes tonalidades de cor, formas, dimensões de profundidade etc), assim como sob controle de estímulos discriminativos que foram estabelecidos na história de reforçamento do participante. Devido à multideterminação de tais respostas, no momento do teste, nem sempre é possível mapear quais os estímulos que estão majoritariamente controlando as respostas perceptivas, sendo comum que a comunidade recorra à instâncias psíquicas para explicar tal fenômeno.

Segundo Rorschach, alguns participantes apresentam dificuldades de passar pelas três etapas desse processo, apresentando respostas apenas descritivas à mancha retratada na prancha (descrição de respostas sensoriais), fazendo pouca ou nenhuma associação com objetos ou situações vividas anteriormente, dessa forma, não apresentam nenhuma interpretação a imagem.

Nesses casos, em uma perspectiva comportamental, é possível dizer que a resposta de perceber do sujeito está sob controle majoritariamente dos estímulos atuais apresentados nas pranchas do teste, fazendo com que o participante emita respostas de

² Considera-se “engramas disponíveis” como as imagens presentes na memória do sujeito.

³ Considera-se “complexos de sensações recentes” como as respostas sensoriais do participante em relação à prancha apresentada.

tato (operante verbal) descrevendo tais estímulos (“são apenas várias manchas de tinta”). Pode se dizer que houve uma generalização fraca do controle de estímulos da história de vida do sujeito para estímulos atuais com apenas algumas propriedades semelhantes. Ao invés de dizer “isto parece uma borboleta” (o controle do conjunto de estímulos que no passado evocou a resposta borboleta se generaliza e, com apenas algumas propriedades semelhantes, o estímulo atual apresentado na prancha do teste evoca a palavra borboleta) o participante apenas diz “isso é uma mancha de tinta” (a resposta está sob controle de um estímulo que possui a maior parte de suas propriedades semelhantes ao estímulo que no passado evocou a resposta “mancha de tinta”). Segundo Rorschach, os participantes que apenas descrevem os estímulos representados na prancha não apresentam respostas de caráter interpretativo visto que não relacionam o estímulo atual com eventos de sua vida. Em uma perspectiva comportamental, pode se dizer que o controle exercido por tais estímulos da vida do sujeito, que guardam certa semelhança com os estímulos apresentados na prancha, não passaram por uma generalização extensa suficiente para evocar uma resposta além da puramente descritiva.

Para Rorschach, um fator importante que influenciará no processo de percepção/interpretação e a imagem descrita são as “condições afetivas” do participante no momento do teste. A partir de respostas obtidas em testes de pacientes “com perturbações eufóricas e perturbações depressivas”, Rorschach aponta a afetividade como algo que influenciará se as respostas serão mais descritivas ou interpretativas:

(...) O fato de as reações terem mais o caráter de percepção entre os portadores de perturbação eufórica e mais o caráter de interpretação entre os portadores de perturbação depressiva, mostra, além do mais, que esta diferença não deve ser proveniente apenas de processos puramente associativos e, sim, que também momentos afetivos deslocam as fronteiras entre a percepção e a interpretação. (RORSCHACH,1937, p. 18)

Em uma perspectiva comportamental, é possível dizer que o que Rorschach considera como momentos afetivos são as operações estabelecedoras (operações emocionais) (MICHAEL, 1993) presentes na vida no sujeito no momento do teste que irão aumentar a efetividade do controle de determinados estímulos sobre determinadas respostas. Se o participante no momento do teste, está em um período de sua vida em

que vive momentos nos quais tem sido muito punido, vivenciando brigas e competições, provavelmente as OEs mais fortes no momento serão aquelas que evocam respostas relacionadas com agressão (MICHAEL, 1993), coisas danificadas ou competição. Já um participante que está vivendo um momento de vida na qual vivencia situações muito reforçadoras, como por exemplo um bom relacionamento amoroso, as OEs aumentarão a controlabilidade dos estímulos apresentados que se relacionem com respostas de cooperação e carinho. Na prancha dois, por exemplo, na qual os sujeitos percebem tipicamente dois indivíduos se relacionando, o participante cuja a OE mobiliza o controle de estímulos relacionados à agressão, poderá descrever “dois gnomos brigando”, enquanto o segundo participante poderá responder aos mesmos conjunto de estímulos descrevendo “dois gnomos dançando juntos”.

Assim, um mesmo conjunto de estímulos poderá evocar respostas diferentes, a depender das OEs predominantes para o participante naquele momento.

Assim, pois, tal como nos mostra o que foi dito até agora, o tipo de vivência depende da disposição. Se a prova foi aplicada ao indivíduo durante um período de disposição elevada obteremos um resultado diferente daquele que ele apresentará quando deprimido. (RORSCHACH, 1937. p.98)

Percebe-se que as pranchas do teste podem evocar algumas respostas de imagens comuns à sujeitos de determinada cultura. Como exemplo, a prancha dois comumente evoca respostas duas figuras interagindo (podendo ou não serem vistos como espelhados), muitas vezes descritas como ursos, elefantes, gnomos, bruxas ou dançarinas. É possível dizer que tais respostas são frutos de um controle discriminativo, produto de treinos comuns aos indivíduos de uma mesma comunidade que nomeia este conjunto de estímulos dessa maneira (“são duas bruxas e um cesto”, “são dois elefantes”). Já as ações à elas empregadas (“duas bruxas carregando um cesto” “são duas bruxas brigando pelo cesto”) parecem estar mais relacionadas com as OEs predominantes do momento, e correspondem mais à história pessoal do participante do que aos aspectos da cultura. Dessa forma, o que é visto é influenciado tanto pela história de discriminação comum à cultura quanto da história de discriminação particular do participante do teste.

Em uma perspectiva comportamental, é possível dizer que as respostas do participante às pranchas do teste estarão sob controle dos 1. Sds apresentados na prancha e das 2. OEs fortes na vida do sujeito no momento do teste que interferem no nível de generalização entre os estímulos atuais apresentados.

Em alguns casos, a OE pode aumentar a controlabilidade de estímulos relacionados à situações muito aversivas para o participante, de maneira que responder à eles já é uma situação aversiva. Nesses casos, o participante responderia de forma a esquivar do contato com tais estimulações, descrevendo aspectos mais gerais da prancha, isto é, emitindo apenas respostas de tato como “isto é apenas uma mancha de tinta”.

De maneira comportamental, é possível analisar a afirmação de Rorschach “momentos afetivos deslocam as fronteiras entre a percepção e a interpretação”, como as respostas do participante estará sob controle das OEs fortes naquele momento e estas poderão determinar o que será ou não será visto na prancha apresentada.

Como vemos no trecho abaixo, ao discutir o que seu teste conseguiria captar sobre os tipos de vivência do participante, Rorschach afirma que para obter resultados mais precisos, seria necessário aplicar o teste uma segunda vez, somando mais duas séries de pranchas à aplicação. Dessa forma, analisando os resultados seria possível obter com maior fidedignidade os tipos de vivências do participante e sua forma de funcionamento frente às situações.

Os resultados do teste permitem-nos um julgamento bastante seguro sobre o tipo de vivência do examinado. Para aumentar a segurança seria bom que se repetisse o teste com, talvez, duas séries paralelas além da série normal; os três resultados seriam computados separadamente e, depois, tirar-se-iam as médias dos três resultados. A experiência mostrou, no entanto, que mesmo uma única aplicação da prova normal já pode fornecer diagnósticos úteis. (RORSCHACH, 1937. p.98)

Esta ideia se aproxima do critério de sujeito único de Skinner, no qual há a manipulação de variáveis (no caso, a reaplicação do teste em diferentes momentos e mudança da série das pranchas) e a comparação entre os resultados do próprio sujeito, podendo assim avaliar com maior precisão alguns repertórios e tendências comportamentais do participante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a fazer uma análise inicial do tema, sabendo que seriam encontrados certos limites para a apresentação de uma análise final e definitiva. Dentre as dificuldades, haviam as divergências e limitações no repertório teórico já produzido pelos próprios autores (Rorschach e Skinner) sobre o tema; limite de dados experimentais sobre a relação entre Sd e OM; a antiguidade da obra analisada pois, mesmo que a obra escolhida seja pioneira, sabe-se que já foram realizados novos estudos e aprimoramento da técnica do teste, fazendo com que as análises feitas na presente pesquisa possam não se aplicar às novas alterações. Entretanto, apesar de tais pontos, foi possível realizar uma análise inicial e levantar a discussão sobre quais processos comportamentais podem ocorrer no momento da aplicação de um teste projetivo.

Apesar de Rorschach e Skinner serem autores de fundamentação teórica muito diferentes, é possível encontrar pontos de semelhanças entre seus trabalhos. Ambos os autores consideram de extrema importância a história de vida do sujeito e a maneira como ela influencia na percepção da pessoa sobre os eventos do ambiente. Dessa forma, durante a aplicação do teste de Rorschach, as vivências do participante (para Rorschach, suas memórias e, para Skinner, sua história de reforçamento e discriminação construída nessa história) irão influenciar os conteúdos que serão vistos ou não nas pranchas, isto é, as respostas emitidas sob controle delas.

Outro ponto de semelhança entre os autores seria a importância dos “estados afetivos” do participante na hora do teste, e a maneira como estes também influenciam nas imagens que serão percebidas. A depender das Operações Motivadoras (estabelecedoras) predominantes no momento do teste, o sujeito tenderá a ver imagens que de alguma forma se relacionam com tais condições. Como exemplo, um sujeito que está participando de um processo seletivo para subir de cargo no trabalho e considera esta uma grande oportunidade, poderá ver em alguma prancha duas mulheres brigando por um cesto. Por outro lado, um participante que está em um momento de vida em que se encontra mais disposto para interações sociais positivas e colaborativas, poderá ver na mesma prancha duas mulheres carregando juntas um cesto. Assim, a depender do que está controlando mais fortemente a resposta do sujeito no momento do teste, duas

peças podem ver imagens muito diferentes numa mesma prancha, ou imagens parecidas, mas com conotações diferentes (exemplo duas mulheres brigando ou se ajudando).

Dessa forma, é possível dizer que os estímulos discriminativos que se tornaram Sds na história de vida do sujeito (seja em um nível de história individual ou cultural) evocam certas respostas na hora do teste. Entretanto, apenas serão Sds fortes para controlar a resposta aqueles que se relacionarem à OE forte na vida do sujeito no momento do teste. Ou seja, os estímulos que no passado permitiram o participante entrar em contato com o reforçador estabelecido pela OE terão sua capacidade de controle aumentada.

Com o teste de Rorschach, é possível ter acesso à o que a comunidade comumente chama de “aspectos emocionais”, descrevendo o participante como “agressivo”, “passivo”, “emocionalmente sensível”. Entretanto, em uma perspectiva comportamental, tais medidas apenas conseguem prever tendências comportamentais gerais e classificá-las em classes de comportamento. Poderá ser inferido alguns repertórios gerais que poderão ser emitidos quando o sujeito estiver em determinadas situações, como por exemplo, que o participante poderá agir de maneira agressiva quando pressionado. Através de tal instrumento é possível inferir que o sujeito poderá agir de maneira agressiva, mas através desses dados não é possível dizer quais serão seus comportamentos dentro da classe “agressivo” (poderá gritar, bater, ser irônico).

Os traços desse tipo são simplesmente um modo de representar o repertório de um organismo, com alguma indicação da frequência relativa de suas partes e com certas inferências relativas às variáveis relevantes. Os “testes” que medem esses traços são inventários, que relacionam respostas que caem dentro certas classes e estimam suas frequências relativas de ocorrência (SKINNER 1953, p. 213)

É possível estender a discussão de Skinner (1953) sobre as variáveis da percepção para o que acontece em nível de processos comportamentais no momento da aplicação do teste.

Nossas reações determinam-se não apenas por estímulo, mas também por variáveis suplementares nos campos da emoção, da motivação, e do reforço (SKINNER, 1953 p.237)

Estas variáveis influenciam na resposta de perceber do participante do teste, e as respostas emitidas poderão revelar mais sobre tais variáveis do que sobre o estímulo apresentado em si.

No teste de Rorschach, o efeito do borrão de tinta é principalmente o de suprir uma resposta visual discriminativa. O que se revela é a força de ver X, não a de dizer "X". A descrição verbal geralmente é uma resposta discriminativa visual. (SKINNER, 1953 pg. 301)

Apesar de Rorschach não ter tido como base de fundamentação teórica de seu instrumento a Análise do Comportamento, este teste pode revelar tendências comportamentais e probabilidade de respostas do participante dentro de uma classe específica de respostas, visto que é possível inferir sobre os resultados do teste algumas informações relacionadas ao histórico de reforçamento, discriminação, generalização e operações motivadoras do participante do teste. Com isso, não seria necessário recorrer à instâncias psíquicas para explicar todos os processos que ocorrem no momento do teste.

A presente pesquisa propôs uma análise comportamental inicial para o teste de Rorschach, apresentando uma possibilidade de análise geral e a esquematização de processos comportamentais que possivelmente ocorrem no momento do teste. Tendo em vista as limitações nas conclusões alcançadas, não é possível afirmar se um psicólogo analista do comportamento pode ou não fazer uso de testes projetivos como o teste de Rorschach. Entretanto, seria interessante dar continuidade à estudos que buscam compreender melhor o que acontece na aplicação de Rorschach, buscando identificar relações comportamentais para o que acontece. Pesquisas que busquem estudar com mais profundidade a relação entre as OEs e Sds e a maneira que estas variáveis influenciam o perceber do participante. Compreender com maior profundidade a importância do histórico de reforçamento positivo, negativo e punição para o que poderá ser visto no teste, e a maneira como estas variáveis influenciam naquilo que não é visto

no teste (participantes que apresentam apenas respostas descritivas objetivas da prancha. “Isto é apenas uma mancha de tinta”).

Ao se investir em estudos desse tipo, pode-se contribuir com o desenvolvimento de novas formas de se atuar em uma abordagem comportamental ou, em caso de impossibilidade de incorporação de tal técnica, a apresentação de argumentos que apresentem análises aprofundadas que justifiquem tal impossibilidade.

REFERÊNCIAS

- AARTS, H., DIJKSTERHUIS, A., VRIES, P. ***On the psychology of drinking: Being thirsty and perceptually ready. British Journal of psychology.*** vol. 92. p. 631-642. 2001
- ABT, L. E. & BELLAK, L. (1967) ***Psicologia projectiva.*** Buenos Aires: Paidós.
- Alves, I. C. B. (1998). ***As Técnicas no Psicodiagnóstico e Sua Função na Psicoterapia*** (s/d)
- Andery, M. A.; Micheletto, N. e Sério , T. M. (ORG)(2009).. ***Comportamento e causalidade. Laboratório de Psicologia Experimental Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento*** pp 01-09. (Trabalho original publicado em 2007).
- Andery, M. A.; Gioia, P S.; Micheletto, N.; Sério, T.M. A. P.(2014) ***Controle de estímulos e comportamento operante*** . 3ªedição. Editora PUC-SP.
- Anzieu, D. (1980). ***Os Métodos Projetivos.*** Rio de Janeiro. Ed. Campus.
- Barros, R. S. (2003). ***Uma introdução ao comportamento verbal.*** Rev. bras. ter. comport. cogn. vol.5 no.1 São Paulo jun. 2003
- Carvalho Neto, M. B., Tourinho, E. Z. , Zilio, D. & Strapasson, B. A. (2012). ***B. F. Skinner e o mentalismo: uma análise histórico-conceitual (1931-1959).*** Memorandum, 22, 13-39. Recuperado em 13 de março 2018. Disponível em: <seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/9761>
- CHANGIZI, M.A., HALL, W.G. ***Thirst modulates a perception.*** Perception. vol. 30. p.1489-1497. 2001

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4º edição. Editora Atlas S.A. pg 41. 2002

FORMIGA, N. S.; MELLO, I. (2000) **Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 20, n. 2, p. 12-19, June 2000
Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 de Maio de 2017

FRANK, L.K. (1939) **Projective Methods for the Study of Personality**. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, v.8, 389-413.

LOPES, W. M. G. (1998). **Técnicas de Exame Psicológico: Novas Perspectivas**. *Revista Psique*. Unicentro Newton Paiva. Belo Horizonte. Ano 8, nº 12, maio/98.

MATOS, M. A. (1991). **As Categorias Formais de Comportamento Verbal em Skinner** . Anais da XXI Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto. Instituto Terapia por Contingência de Reforçamento. , pp. 333-341.

MOREIRA, M. B., MEDEIROS, C. A. (2007). **Princípios básicos de análise do comportamento**. Editora Artmed.

NORONHA, A. P. P.; SANTAREM, E. M.; OLIVEIRA, K. L.; DANTAS, M. A. **O psicólogo comportamental e a utilização de técnicas e instrumentos psicológicos**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 127-135, jan./abr. 2005

NORONHA, A. P. P.; PRIMI, R. **Parâmetros Psicométricos: uma Análise de Testes Psicológicos Comercializados no Brasil**. *PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 2004, 24 (4), 88-99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n4/v24n4a11>

PINTO, E. R. **Conceitos fundamentais dos métodos projetivos**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 135-153, June 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Apr. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000100009>.

ROUDINESCO, E., PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. 11ª edição. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2003 (Trabalho original publicado em 1953)

SKINNER, B. F. (1975). **O papel do meio ambiente**. (R. Moreno, Trad.) Em Skinner/Piaget (Coleção Pensadores). São Paulo: Abril Cultural. 1-19. (Trabalho original publicado em 1969)

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. 10ª edição. São Paulo. Editora Cultrix. 2006., (Trabalho original publicado em 1974)

SKINNER, B. F. (1987). **Upon further reflection**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

VAN KOLCK, O. L. (1975). **Técnicas de exames Psicológicos e suas Aplicações no Brasil: Teste de Personalidade**. Petrópolis. Ed. Vozes. Volume 2.